



Austrália e Nova Zelândia inauguram um corredor de viagens sem quarentena, encerrando mais de 400 dias de fronteiras fechadas. Nos Estados Unidos, começa a imunização de toda a população com mais de 18 anos, enquanto países europeus flexibilizam restrições

Reencontro entre abraços e lágrimas



Foram mais de 400 dias de afastamento compulsório por conta da pandemia do novo coronavírus. Ontem, finalmente, famílias e amigos se reencontraram após os primeiros voos da “bolha” que permite viagens sem restrições entre Nova Zelândia e Austrália. A mensagem *Welcome whanau* (Bem-vinda família, em maori) foi escrita em letras gigantes em uma parte da pista do aeroporto de Wellington, capital neozelandesa. “É um grande dia”, declarou a primeira-ministra Jacinda Ardern, que celebrou a política eficaz contra a covid-19 nos dois países.

O aguardado corredor de viagens sem quarentena foi marcado por abraços e lágrimas. Lorraine Wratt, uma neozelandesa bloqueada pela pandemia quando estava com sua família na Austrália, comemorou o fato de poder viajar novamente. “Viermos para a Austrália para passar o Natal com nossos filhos. Tínhamos planejado voltar em fevereiro. Foi um pesadelo”, disse.

Antes da pandemia, os australianos representavam 40% dos turistas estrangeiros que visitavam a Nova Zelândia, com quase 1,5 milhão de viajantes em 2019. O trajeto dura três horas. “É como um único grande país, por isso, é muito bom abrir as fronteiras. Ajudará todas as famílias”, disse Mehat El Masri, que aguardava o reencontro com o filho, Shady, que mora em Sydney, depois de 16 meses.

A bolha, que entrou em prática após meses de negociações entre os países vizinhos que conseguiram controlar em grande parte a pandemia, foi celebrada como um importante marco para restabelecer a indústria da aviação mundial, muito abalada pelo coronavírus.

A Austrália informou que estuda a possibilidade de criar outros

Saeed Khan/AFP



Familiares confraternizam na ala de desembarque do Aeroporto Internacional de Sydney, na Austrália: novas possibilidades de viagens em estudo

Saijak Hussain/AFP



Movimentação em rodoviária de Nova Délhi, antes do confinamento

corredores de viagens com Singapura, Coreia do Sul, Japão e Taiwan. A Nova Zelândia está trabalhando para permitir o acesso sem restrições dos habitantes de pequenos Estados do Pacífico, como as Ilhas Cook ou Tuvalu.

Os governantes dos dois países, porém, já advertiram que adotar mais mudanças nos fechamentos das fronteiras decretados pela pandemia será um processo lento. “A ideia de que simplesmente um dia tudo será aberto não é o que vai acontecer. Vai ser feito com cuidado e prudência, trabalhando duro na

proteção sanitária e médica”, disse o primeiro-ministro australiano, Scott Morrison.

Vacinação

Enquanto Austrália e Nova Zelândia vislumbram a volta à normalidade, os Estados Unidos deram mais um passo para ampliar a imunização contra a covid-19. A vacina, administrada na metade dos adultos no país, foi estendida a toda a população com mais de 18 anos. Essa medida também será adotada na Índia, a partir de 1º de maio, em

Valentin Flauraud/AFP



Suíços aproveitam o primeiro dia de liberação de espaços abertos

uma tentativa de conter a intensa disseminação da doença, que vem fazendo estragos no país.

Diante de uma segunda onda que ameaça colapsar hospitais, as autoridades da capital indiana, Nova Délhi, impuseram um confinamento de uma semana a partir de ontem. “Se não adotarmos a medida agora, teremos um desastre maior”, estimou o ministro-chefe de Nova Délhi, Arvind Kejriwal.

Com 1,3 bilhão de habitantes, a Índia relatou, ontem, um recorde de 273.810 infecções, no quinto dia consecutivo com

mais de 200 mil novos diagnósticos. A ambição de vacinar toda a população esbarra na falta de doses. Até sábado, 117 milhões haviam sido aplicadas.

Para atender a suas imensas necessidades, o país, que abriga a maior fábrica de vacinas do mundo, o Serum Institute, suspendeu as exportações e vai acelerar o processo de aprovação para uso de vacinas produzidas fora de seu território.

A situação crítica na Índia levou o primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, a cancelar sua viagem oficial ao país marcada

para a semana que vem. O Reino Unido também decidiu proibir a entrada de viajantes daquele país, com exceção de cidadãos britânicos e residentes.

América Latina

As perspectivas também são sombrias na América Latina, onde o Peru, por exemplo, registrou mais de 400 mortes por covid-19 em 24 horas pela primeira vez no domingo, em um momento de aumento de contágios provocado pela variante brasileira do vírus.

O governo peruano anunciou o retorno, a partir de 25 de abril, de uma quarentena dominical obrigatória em Lima e em 41 das 196 províncias, principalmente da zona andina e da costa, consideradas em “risco extremo”.

Para frear a propagação das variantes do vírus, a França anunciou que vai multar em 1,5 mil euros (aproximadamente R\$ 10 mil) os viajantes procedentes de Brasil, Argentina, Chile e África do Sul que violarem a quarentena obrigatória de 10 dias após a chegada ao território francês.

Mas há boas notícias na Europa, com a flexibilização das restrições em vários países. Ao longo da semana, isso acontecerá na Bélgica, Eslovênia, Eslováquia, Mônaco e Dinamarca, entre outros.

Portugal iniciou ontem a terceira fase do desconfinamento progressivo, com a reabertura dos centros comerciais e das áreas internas de cafeterias e restaurantes, salas espetáculos, escolas do ensino médio e universidades. A Grécia, por sua vez, anunciou a suspensão da quarentena obrigatória de sete dias para viajantes residentes permanentes dos países da União Europeia, assim como do Reino Unido, Estados Unidos e Israel, entre outros.

Também a Suíça começou um processo de retomada da normalidade, com espaços ao ar livre permitidos em restaurantes, bares e cinemas, instalações esportivas e aulas presenciais na reabertura das universidades.

Desde que foi detectado na China, em dezembro de 2019, o coronavírus matou mais de 3 milhões de pessoas no mundo e infectou pelo menos 140 milhões.

RÚSSIA

Em greve de fome, Navalny é transferido para hospital

Após três semanas em greve de fome, o opositor russo Alexei Navalny foi transferido, ontem, do presídio para um centro hospitalar de detentos, distante cerca de 100km de Moscou. A decisão foi anunciada pelo governo de Vladimir Putin um dia depois dos alertas internacionais sobre as eventuais consequências caso o adversário do Kremlin viesse a morrer por falta de atendimento médico. Enquanto isso, em Bruxelas, os chefes da diplomacia da União Europeia (UE) iniciaram uma reunião por videoconferência para discutir o aumento da tensão com a Rússia.

“O estado de saúde de Navalny é considerado satisfatório atualmente”, informou o serviço penitenciário russo, acrescentando que o líder opositor aceitou uma “terapia com vitaminas”. Durante o fim de semana, amigos de Navalny afirmaram que ele estava

praticamente à beira da morte.

Navalny iniciou a greve de fome em 31 de março em protesto contra as condições de sua detenção. Ele acusou a administração penitenciária de impedir o acesso de um médico e de remédios, apesar de sofrer uma dupla hérnia de disco, explicam os seus advogados. No domingo, médicos ressaltaram ter sido impedidos de visitá-lo na prisão.

Em meio a essa situação, aliados do opositor convocaram uma mobilização para as 19h de amanhã (13h de Brasília), que desejam transformar na “maior manifestação da história moderna” do país. O protesto está marcado para o mesmo dia do discurso que Putin fará no Parlamento, quando ele pretende falar sobre os objetivos de desenvolvimento da Rússia e as eleições legislativas do segundo semestre deste ano.

Vasily Maximov/AFP



O líder opositor está preso desde janeiro, quando retornou a Moscou após se recuperar de envenenamento na Alemanha

“Putin proíbe explicitamente qualquer atividade da oposição na Rússia. Isso significa que esta concentração pode ser a última do país nos próximos anos. Mas nosso poder é mudar”, escreveu no Facebook

um dos principais colaboradores de Navalny, Leonid Volkov.

Um site criado pela oposição há algumas semanas para que os russos que desejam protestar façam uma inscrição registrava a adesão de 460 mil pessoas no

domingo. O Ministério do Interior da Rússia, no entanto, advertiu que não permitirá o que chamou de “desestabilização” e que adotará “todas as medidas necessárias”.

Pressão

A situação de Navalny acabou se tornando um dos principais tópicos da pauta da reunião dos chanceleres da UE, que, inicialmente, estava destinada a discutir o agravamento das tensões com a Rússia na Ucrânia. Pouco antes do início do encontro virtual, o chefe da diplomacia do bloco europeu, Josep Borrell, responsabilizou diretamente “as autoridades da Rússia pela situação de saúde” do líder opositor.

O porta-voz do governo russo, Dmitri Peskov, rejeitou de forma enfática os comentários

de autoridades ocidentais. “Não podemos aceitar essas declarações por parte de representantes de outros governos”, declarou, assinalando que o assunto “não deve ter maior interesse para eles”.

Navalny retornou em janeiro à Rússia, depois de cinco meses de convalescença na Alemanha devido a um envenenamento que ele atribuiu ao Kremlin. Ao desembarcar no país, ele foi detido imediatamente e condenado a dois anos e meio de prisão por uma antiga acusação de fraude, um processo que o opositor denuncia como politicamente motivado.

A decisão russa de aumentar suas tropas e organizar exercícios militares na fronteira com a Ucrânia também preocupa Bruxelas. “A situação é muito perigosa, e pedimos à Rússia que retire suas tropas”, disse Borrell.